

A DENSIDADE DE CULTIVO DE LARANJA, BANANA, CAFÉ E UVA NO ESTADO DE SÃO PAULO¹

Denise Viani Caser²
Mário P. de Almeida Olivetti²
Ana Maria M. P. de Camargo²
Lilian Cristina Anefalos²
Lúcio Fagundes²
Caio Takagaki Yamaguishi²

1 - INTRODUÇÃO

A Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo efetua, através do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), levantamentos das safras agrícolas paulistas.

Como os dados de alguns produtos são solicitados em número de pés, utiliza-se a densidade média de cultivo para a transformação da informação em área.

De outra parte, em busca de maior produtividade, os agricultores procuram empregar material genético de melhor qualidade, que os Institutos de Pesquisa periodicamente colocam à disposição, bem como usar métodos mais modernos de condução das culturas. Conseqüentemente, ao longo do tempo, pode haver alterações no número médio de plantas por área.

O objetivo deste estudo foi a atualização da densidade média de plantio de algumas culturas, visando fornecer informações mais fidedignas.

2 - ÁREA DE ESTUDO, MATERIAL E MÉTODO

Os dados analisados no presente estudo, foram obtidos a partir dos levantamentos chamados subjetivos, que são efetuados por técnicos responsáveis pelas Casas de Agricultura de cada município do Estado de São Paulo, de acordo com seus conhecimentos da região. Em junho de 1992 foram solicitadas informações sobre a densidade média de cultivo no município, das seguintes culturas: banana, laranja, café

e uva.

No retorno, as repostas foram tabuladas, depuradas e posteriormente agrupadas por Divisão Regional Agrícola (DIRA) e para o Estado de São Paulo, por cultura. Foram então calculados os respectivos valores máximo, médio, mínimo e a moda das densidades de plantio.

O IEA optou por passar a adotar os valores médios estaduais dos produtos, por apresentarem grande compatibilidade com as modas.

3 - RESULTADOS

3.1 - Banana

O Estado de São Paulo ocupa o segundo lugar quanto à área plantada com banana no Brasil (ANUÁRIO ESTATÍSTICO, 1992).

Na região de Registro concentra-se 95% da área paulista cultivada, destacando-se os municípios de Jacupiranga e Sete Barras como os maiores produtores (PREVISÃO DE SAFRAS, 1991/92).

Há duas formas de se plantar um bananal no tocante a espaçamento, segundo MOREIRA (1987). A primeira é seguindo um esquema no qual o espaçamento inicial corresponde à densidade de touceiras recomendada para plantio, as quais são mantidas permanentemente na área.

A segunda forma é plantando-se em espaçamento mais reduzido que assegura uma população de famílias ou touceiras duas vezes maior, a qual será reduzida a 50% após a primeira safra, quando então se atinge a densidade recomendada. Este segundo

¹Os autores agradecem a colaboração de Gisela Barbosa Marcelino, estagiária de Economia, da FUNDAP, na tabulação de dados e revisão bibliográfica. Recebido em 01/06/93. Liberado para publicação em 14/06/93.

²Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.
Informações Econômicas, SP, v.23, n.06, jun. 1993.

esquema baseia-se no fato de que é pequena a influência da densidade na primeira safra, uma vez que todas as plantas vão crescer juntas. Deve-se ressaltar que, para este programa, é necessário que as mudas tenham um desenvolvimento inicial bastante uniforme. Ao fazer os replantes deve-se empregar mudas mais velhas para que todas elas venham a se igualar. Este esquema é válido para os cultivares Nanicão e aqueles do grupo Prata, que têm folhas mais eretas. Para os cultivares Nanica, Grande Naine, Enxerto, etc., esta metodologia não é recomendável pelo fato deles terem folhas em posição mais horizontal, o que causaria problemas de acomodação entre elas.

Até 1992 a densidade média de cultivo adotada pelo IEA e pela CATI era de 1.500 touceiras por hectare, nos levantamentos de previsão e estimativa de safra da banana paulista. As informações vindas do campo indicaram uma alteração nessa densidade média para 1.650 touceiras/ha, que passará a ser adotada.

3.2 - Laranja

O Brasil é o maior produtor mundial de citros, sendo o Estado de São Paulo responsável por cerca de 85% dos pomares plantados em todo o País (ANUÁRIO ESTATÍSTICO, 1992).

Nas DIRAs de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e de Campinas, em 1992, estavam plantados 182.560 mil pés do total dos 198.500 mil pés de laranja do Estado de São Paulo, destacando-se como maiores produtores os municípios de Bebedouro, Itápolis, Limeira, Taquaritinga, Monte Azul Paulista, Olímpia, Colina, Matão e Araraquara (PREVISÃO DE SAFRAS, 1992).

De acordo com DE NEGRI & BLASCO (1991), muito já se estudou e pesquisou sobre o melhor espaçamento para citros. Alguns desejam maior produtividade em menor espaço de tempo, aumentando a densidade do plantio até certos extremos; outros condenam tais atitudes devido à necessidade de erradicar plantas no futuro, ou verificar quedas sensíveis de produtividade, especialmente devido à morte de ramos. Há também aqueles que preferem o plantio de duas mudas por cova, objetivando aumentar a área foliar de cada cova, e conseqüentemente aumentar a produção. De uma forma ou de outra, todos buscam o mesmo objetivo, ou seja, aumentar a produtividade por área.

O número de plantas cítricas por hectare, comumente utilizado, é de cerca de 220, e o sistema de plantio mais usado é em nível, sendo preferidos os espaçamentos de 7 x 4, 7 x 5 e 7 x 6 metros. Nas plantações mais recentes, há uma tendência para redução dos espaçamentos, especialmente para a laranja Pêra (280 a 320 pés/hectare) (AMARO et alii, 1991).

Nos levantamentos estatísticos do IEA/CATI estavam sendo utilizados 200 pés por hectare como densidade média de plantio. Após o levantamento de 1992 de atualização, os resultados mostraram que houve um adensamento, passando para 260 o número médio de pés de laranja por hectare no Estado de São Paulo.

3.3 - Café

Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, os três maiores estados produtores, detêm uma população cafeeira igual a 75% do total do País (ANUÁRIO, 1990).

A área ocupada pela cafeicultura paulista, que atingia 841.730 hectares em 1987, foi reduzida para 445.250 hectares em 1992, com perspectivas de continuar decrescendo nos próximos anos, visto que a cafeicultura paulista e brasileira vêm enfrentando uma de suas maiores crises, fruto da suspensão das cláusulas econômicas do Acordo Internacional do Café em julho de 1989. Somente os produtores que conseguem um rendimento acima de 20 sacas de 60 kg de café beneficiado por hectare, como média anual, e que obtenham produto com qualidade que atenda à demanda internacional poderão se manter na atividade (BESSA Jr. & MARTIN, 1992).

No plantio de café adensado, no qual a produção por planta é menor, se comparada com a obtida com *stand* convencional, mas o rendimento por unidade de área é maior, alguns produtores chegam a plantar com 2 metros de distância entre linhas de 0,5 metro entre plantas.

No Estado de São Paulo, o espaçamento básico recomendado para condução a livre crescimento é 4,0 x 2,5 m para a variedade Mundo Novo e 3,5 x 2,0 m para Catuaí, ambos formados com duas plantas por cova.

Nos levantamentos IEA/CATI, o número médio de pés de café por hectare adotado era de 1.063. Com a presente atualização foi obtida, para o Estado,

uma média de 1.300 pés/ha, a qual passará a ser empregada.

3.4 - Uva

A produção de uvas no Brasil concentra-se em poucos estados, sendo São Paulo o segundo de maior área (ANUÁRIO ESTATÍSTICO, 1992).

A grande parte da produção paulista é destinada ao consumo *in natura*, sendo 80% da produção do cultivar americano Niagara (FREIRE et alii, 1987) e as principais regiões vitícolas são Campinas e Sorocaba.

Os espaçamentos recomendados para o Estado são: para variedades rústicas de mesa e de vinho: 2 x 1 m; para as uvas finas e sem sementes: 4 x 3 m, 4 x 2 m, 5 x 2,5 m e 4 x 4 m.

Para os levantamentos IEA/CATI as densidades médias de cultivo empregadas eram de 1.500 pés/ha para uvas finas e 4.500 pés/ha para uvas de mesa e indústria. A pesquisa para a atualização mostrou que houve redução no número de pés/ha de uvas finas para 800 e aumento no número de pés de uvas para mesa e indústria que passou a ser de 5.000 pés/ha.

LITERATURA CITADA

AMARO, Antonio A. et alii. Panorama da citricultura brasileira. In: RODRIGUEZ, Ody et alii. **Citricultura brasileira**. 2.ed. Campinas, Fundação Cargill, 1991. v.1, p.22-54.

ANUÁRIO AGRÍCOLA, 1990/GUIA RURAL. São Paulo, Abril, 1990.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, 1992. Rio de Janeiro, IBGE, 1992.

BESSA JUNIOR, Alfredo A. & MARTIN, Nelson B. Custo e rentabilidade na cultura do café. **Informações Econômicas**, SP, 22(7):29-35, jul. 1992.

DE NEGRI, José D. & BLASCO, Edmundo E.A. Planejamento e implantação de um pomar cítrico. In: RODRIGUEZ, Ody et alii. **Citricultura brasileira**. 2.ed. Campinas, Fundação Cargill, 1991. v.1, p.318-322.

Informações Econômicas, SP, v.23, n.06, jun. 1993.

FREIRE, Loiva M.M.; FREIRE, Japiassu M.; LANZER, Edgar A. **Perfil sócio-econômico e tecnológico das propriedades vitícolas dos municípios de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, RS**. Bento Gonçalves, EMBRAPA/ CNPUV, 1987. 44p.

MOREIRA, Raul. **Banana: teoria e prática de cultivo**. Campinas, Fundação Cargill, 1987. 335p.

PREVISÃO de safras: listagem por produto. São Paulo, IEA, 1991/92.

